

MUSEU DA PESSOA

História

A vida é um romance

[Ver detalhes do vídeo](#)

Sinopse

De um pai assassinado em brigas de coronéis, uma casa recheada de letras, a mão cabeluda e outras aparições na infância, uma vida de bancário entre vários estados e a escrita de uma trilogia. Marconi de Albuquerque: A vida de um pernambucano em todos os seus capítulos.

Tags

- [banco](#)
- [mistério](#)
- [assassinato](#)
- [Banco do Brasil](#)
- [Folclore](#)
- [romance](#)
- [escrita](#)
- [pernambucano](#)
- [coronelismo](#)
- [pernambuco](#)

História completa

Eu nasci na cidade de Bom Conselho em Pernambuco em 1959. Hoje você vai a Bom Conselho em determinadas datas e está cheio de carros, mas na época era diferente, era mais tranquilo tanto que a lembrança mais antiga que eu tenho é um velocípede, por lá ser um lugar calmo eu ficava descendo de uma rua para outra montado no velocípede. Quer dizer, mais tranquilo entre aspas, porque tinha as brigas de coronel. Às vezes um grupo de uma família ia pro lado de um candidato e outro ia para o outro, a arenga e a inimizade política ali eram umas coisas complicadas. Porque durante mais de 50 anos Bom Conselho teve a liderança de um coronel político, ele foi prefeito várias vezes na cidade. A coisa piorou mesmo quando ele morreu, pois aí rachou politicamente de vez as pessoas lá pelos anos de 80, 82 quando mataram meu pai.

Eu inclusive comecei a escrever um livro " O último café do coronel" que era pra falar sobre os últimos dias do meu pai. Ele foi vice prefeito e amava política, ele se sentia bem sendo uma pessoa importante e por divergências políticas, um pistoleiro acabou matando ele, às vezes eu penso que ele acabou sendo um boi de piranha, pra mim e pra nossa família esse processo foi bem difícil e gerou uma série de problemas psicológicos, irmão alimentando sentimento de vingança e etc...

Eu comecei a trabalhar no Banco do Brasil em 82, e tinha um malucão que ficava na beira do estrada, e não sei se meu pai perdeu o tempo, mas atropelou ele na hora e o homem acabou morrendo. E a partir daí, todo santo dia, eu ouvia o nome do meu pai e a palavra morte em seguida. Todo dia eu ouvia esse pensamento do nome do meu pai e a palavra morte depois. Pouco tempo depois eu soube da morte do meu pai, eu nunca disse nada disso para ninguém, mas que aconteceu, aconteceu.

Mas isso eu já tinha 23 anos, tenho outras lembranças da minha infância... Na cidade eu via o tradicional forró, as bandas de rabeça, e também maracatu de baque virado. Eu tinha também aquelas chamadas visões e intuições que a gente tem também. Olhe só a história da mão cabeluda: O que acontecia era o seguinte, da sala de jantar até a varanda eu sempre passava correndo. Eu gostava de brincar com tampa de canela, minha viagem era brincar de motorista de caminhão, quando eu entro no quarto eu vejo uma espécie de monstro saindo debaixo da cama de casal, e na mesma velocidade que eu havia entrado, eu saí. Eu via vultos, as vezes acordava com um pesadelo e sentindo um toque em mim... Eu estava no sofá um dia com insônia vendo TV e passou uma pessoa como se viesse da cozinha e passou pela sala e voltou, nessa não foi só vulto não, eu vi a pessoa sobrenatural ali.

Eu tive sorte, porque a minha casa tinha bastante letras, tinha todas as revistas que você pode imaginar, então se algo me chama atenção, eu vou lá e cutuco, e vou ler, e vou ler e vou ler mais ainda. Eu sou uma pessoa curiosa. E como uma coisa leva a outra, das leituras eu acabei começando a escrever um tiquinho também, com 12 anos eu comecei a escrever uns poeminhas.

Essa coisa de história o que existia muito era a pessoa que gostava de conversar, de falar e aí começava a contar história os causos né? Mas histórias tem um monte. Por exemplo: Tinha um tal do Zé Mole, que era policial então ele chegou em um homem e falou: "Teje Preso" então o homem virou um tabefe na cara dele, Zé Mole levantou e falou "Teje Solto" quando encontrei com Zé Mole que era cliente nosso e perguntei se era verdade, ele fechou a cara e foi-se embora e nunca mais voltou, acho que a história verdadeira é essa.

Outras histórias que tinha muito, era as histórias de fantasma. Em Bom Conselho tinha a festa de São Sebastião e uma figura lá de Bom Conselho viu uma mulher indo na frente andando pela rua e ele foi indo lá atrás, e ele lá jogando o papo e o charme dele, e a mulher andando, ele continuou a dar cantada nela, quando finalmente a mulher se vira o rosto dela era de uma caveira! Ele deu na carreira e saiu correndo e pra muito longe. Outra história famosa em Bom Conselho era do carro-de-boi e se ouvia e ouvia e ele nunca chegava, minha mãe mesmo disse que um homem parou lá 1 hora e meia da manhã ouvindo o carro de boi e esperando e chegou até 5 da manhã e o carro de boi nunca chegou, mas o barulho não parava. Essas histórias corriam muito lá pela cidade.

Tem essas coisas de quebranto e mal olhado que as pessoas falam né? Um dia minha mãe me levou ali num centro espírita, e o pessoal é muito disponível né, quando a mulher foi pegar o matinho ela caiu no chão, ela falou: "Eita meu filho você tá carregado hein?" Ela com esse matinho acabou me rezando, muita gente não bota fé, mas fiquei leve, bem maneirinho assim.

Eu fui fazer o concurso do Banco do Brasil só que a partir disso eu fui trabalhar no sertão, na cidade de Afogados da Ingazeira, mas por dentro do banco era um lugar muito competitivo, ave-maria, mas de Afogados da Ingazeiras eu fui trabalhar em Tabatinga no Amazonas, fiquei 1 ano e meio por lá... De lá eu fui trabalhar no Rio Grande do Norte, fiquei por lá pouco mais de 3 anos, de lá eu fui trabalhar na boca do Acre já com 2 filhos, lá eu recebi até ameaça de morte... Eu fiquei dezenas de anos e até como gerente do Banco do Brasil, mas não saí de lá muito bem, era um ambiente assim, muito intenso, competitivo com assédio moral, não me fez bem. Teve uma das cidades que eu era comentarista de futebol ali na rádio, no primeiro jogo na hora que abriu, eu gaguejei, o homem entrou no meu lugar e comentando salvando ali meu programa, depois o negócio decolou, e na cidade fiquei mais conhecido como comentarista do que como gerente de banco, assim gravei centenas de programas

Quando eu saí eu estava com depressão e li 40 livros em uns 8 meses, 5 livros por mês. Filme eu nem sei quantos eu vi, e com problema cardíaco e dor de cabeça e me levou a decidir levar mais a sério esse meu amor pela escrita, e comecei a escrever, e escrevi uma trilogia de mistério, um livro sozinho não faz muito sentido sozinho não, os três juntos é que dá uma liga e isso acabou me ajudando muito na minha saúde mental e também física. Agora eu tô trabalhando de voluntário como revisor do Museu da Pessoa que com isso, eu quero conseguir colocar o jeito que as pessoas falam na minha literatura. Quem sabe minha vida vira literatura de alguém?